

Sidneya Gaspar de Oliveira
UFSC - Brasil

SOBRE O ACENTO NO PORTUGUÊS - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A nossa comunicação apresenta um estudo sobre o problema do acento no Português, dentro de uma perspectiva multilinear.

Esse assunto tem sido alvo de investigação por parte de linguistas das várias correntes fonológicas. Dentro da perspectiva teórica da Fonologia Generativa, o acento é um traço (distintivo) que só pode ser atribuído a vogais, num nível lexical, através de regras. Essas regras atribuiriam um [+ac] à vogal acentuada a nível de palavra, e [-ac] às demais vogais. Para dar conta do acento a nível de sentença recorre ao "ciclo transformacional". (Chomsky & Halle, SPE, 1968).

Os trabalhos até agora publicados sobre o acento não resolvem, dentro do modelo generativista padrão, a atribuição do acento de palavras agudas e esdrúxulas do Português.

Como sabemos, o Português é uma língua de acento livre em oposição a línguas de acento fixo, como o Francês e o Húngaro; daí a dificuldade de

estabelecer-se parâmetros para tal atribuição. Por isso, o nosso interesse em apresentar um estudo não linear sobre o assunto, numa desejada contribuição de reflexão sobre esses problemas que afetam o acento no Português.

Recentes trabalhos dentro de modelos pós-generativistas, mormente das fonologias ditas multilíneas, apontam para um novo tipo de comportamento na formulação de modelos gerais e princípios de análise fonológica, que poderiam ser aplicados nas línguas em geral.

Um dos princípios desse tipo de modelo (multilinear ou tri-dimensional) seria a capacidade de relacionar-se com teorias psicológicas, tais como as da produção da fala, percepção e aquisição, também com algumas "teorias" linguísticas, tais como a sintaxe e a morfologia.

Entre essas fonologias não lineares, podemos destacar a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Métrica e a Fonologia Lexical, que ao contrário das lineares, postulam um modelo de análise de representação de caráter fonológico com estrutura geométrica, constituída de níveis independentes de segmentos, que por sua vez se subordinam a um

constituente maior - a sílaba - também subordinada a outros constituintes.

A Fonologia Autossegmental, de acordo com Goldsmith⁽¹⁾ objetiva o "desenvolvimento de uma análise fonológica multilinear, segundo a qual, diferentes traços podem ser colocados em níveis distintos, sendo os vários níveis organizados por linhas de associação e por uma "Condição de Boa Formação". Difere, ainda da fonologia generativa dita padrão, pela "forma de análise dos fenômenos fonológicos, não tanto em função das regras de alteração de traços, mas em termos de regras que suprimem e reorganizam os vários autossegmentos, pelo reajuste das linhas de associação."

A teoria da estrutura métrica apresentada por Liberman e Prince no artigo "On stress and linguistic rhythm" (1977) considera a cadeia fonológica, não como uma sequência linear de segmentos, mas como tendo uma organização hierárquica baseada na sílaba.

A Fonologia Métrica, que presta grande contribuição para o estudo do acento, utiliza dois tipos de formalismo: árvores métricas etiquetadas e grelhas métricas.

Segundo Goldsmith⁽²⁾ essas duas versões comungam a idéia de que "1 - o estudo do acento é diferente de outros estudos de características fonológicas; 2 - é um estudo relevante das sílabas e das unidades de mais alto nível, como o pé (ō); 3 - as mais importantes características determinantes do acento padrão são o ritmo e a sensibilidade inerente à sílaba pesada; 4 - as representações acentuais são hierárquicas."

Na estrutura métrica os segmentos são subordinados às sílabas que, por sua vez, dentro de uma hierarquia, subordinam-se a constituintes de ordem rítmica.

O modelo fonológico métrico tem sido reconsiderado por seus autores e demais linguistas interessados em aprimorá-lo, como Halle e Vergnaud (1987), que elaboraram, a partir das críticas tecidas por Prince ao estudo original, um novo modelo, contendo a noção de domínio no lugar das ramificações. Nessa nova versão, as árvores são suprimidas e surge uma parentetização interna de cada um dos níveis da grelha em termos de constituintes. No modelo grelha e constituintes, os elementos da grelha são agrupados em domínios, cada domínio possuindo na sua margem esquerda

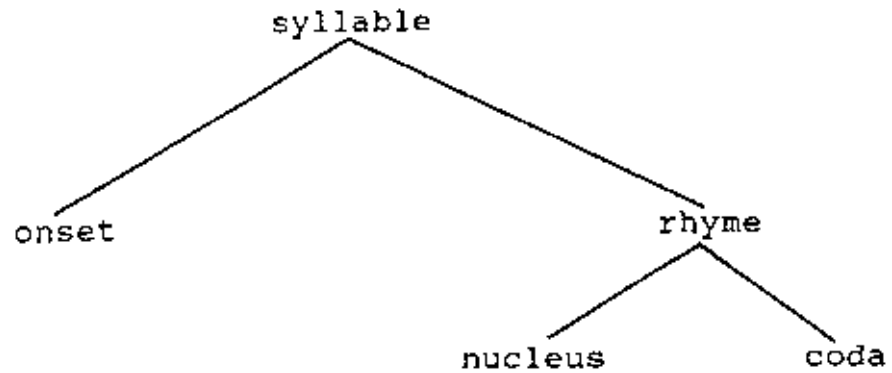
ou direita, uma cabeça.⁽³⁾

Como referimos, as fonologias multilíneas consideram o acento numa perspectiva não-segmental, isto é, o acento localiza-se a um nível superior, independente ao dos outros segmentos, podendo ser ao nível de palavra, à sílaba.

Assim, admitamos a sílaba como um constituinte acima dos segmentos, e como uma unidade mínima, onde os problemas prosódicos são enfocados e até resolvidos. Dentro dos estudos multilíneas a sílaba possui uma organização interna hierarquizada.

Por sílaba entendemos, como Goldsmith⁽⁴⁾, a unidade de descrição fonológica constituída por zero ou mais consoantes, seguida de uma vogal e terminada por uma cadeia de zero ou mais consoantes. A essa composição silábica ele dá o nome, respectivamente, de onset, núcleo e coda.

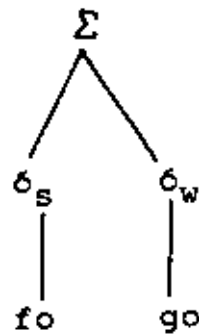
O núcleo é o "pico" da sílaba, é a unidade obrigatória por excelência, enquanto que os elementos satélites (coda e onset) são opcionais. Ao conjunto de núcleo e coda dá-se o nome de rima. Assim, Goldsmith apresenta como estrutura interna da sílaba o seguinte modelo⁽⁵⁾.



A estrutura silábica, como vimos, está hierarquicamente organizada em uma série esquelética de posições métricas (que são pés de uma árvore silábica) onde irão se projetar os diferentes traços.

O núcleo da sílaba, no português, é sempre ocupado por uma vogal, que é o único elemento portador de acento nesta língua. Assim as rimas são organizadas em simples constituintes chamados pés, que por sua vez se organizam em constituintes que formam as palavras fonológicas.

Por pés (Σ) entendemos a unidade da língua de ritmo acentual que se caracteriza pela isocronia entre sílabas tônicas, isto é, igual duração num mesmo intervalo de tempo. Segundo Hogg e McCully,⁽⁶⁾ o pé pode ser definido como uma cadeia que contém como seu primeiro elemento uma sílaba acentuada que é seguida por zero ou mais sílabas não acentuadas. Logo:



Para a tentativa de análise a ser empreendida adotaremos o modelo de Halle e Vergnaud (1987) revisto por Andrade. (7) As árvores métricas são suprimidas e utilizam-se parentetizações internas em cada um dos níveis da grelha em termos de constituintes. Nesse modelo, os elementos da grelha são agrupados em domínios, que possuem, por sua vez, na sua margem esquerda ou direita, uma - cabeça. Há um nível mais elevado, constituído pela projeção das cabeças que são os representantes derivacionais de seu domínio. Os constituintes binários, os não limitados e os degenerados fazem parte do modelo.

Um constituinte é estruturado internamente e possui uma cabeça em seu domínio, que se localiza sempre em sua extremidade, quer à esquerda, quer à direita.

Cada língua elabora seus próprios parâmetros, que deverão ser suficientes para darem

conta dos problemas abordados.

Para analisar o sistema acentual do Português fixamos, inicialmente, alguns parâmetros, levando em consideração os universais.

P₁ - O acento localiza-se numa das tres últimas sílabas da palavra.

P₂ - As unidades portadoras do acento são a sílaba, cujo núcleo em Português é sempre uma vogal.

P₃ - O acento no Português não é na palavra, mas no Radical Derivacional, que pode conter um elemento extramétrico em cada domínio.

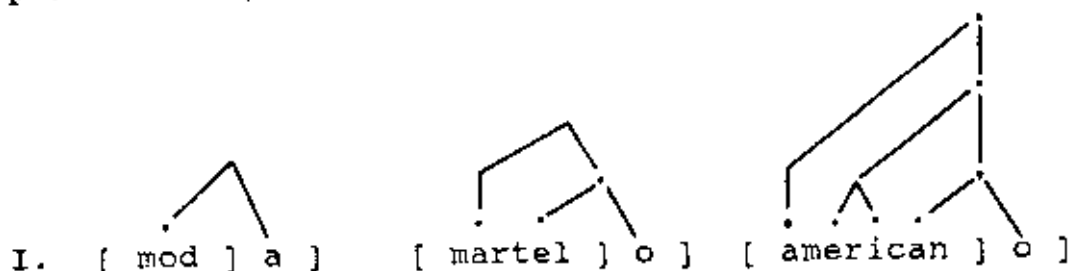
P₄ - Devem ser construídos pés binários da direita para a esquerda.

P₅ - Devem ser marcados constituintes binários com cabeça à esquerda.

P₆ - Devem ser constituídas árvores binárias proeminentes à direita, até ao nível da palavra.

Deste modo apresentamos alguns exemplos, enfocando apenas o sistema nominal; propomos, a exemplo de Andrade⁽⁸⁾ que "toda palavra do sistema nominal seja decomposta em duas partes: a marca de classe e de número por um lado, e todo o resto, aquilo que chamaremos de Radical Derivacional, por outro". Assim,

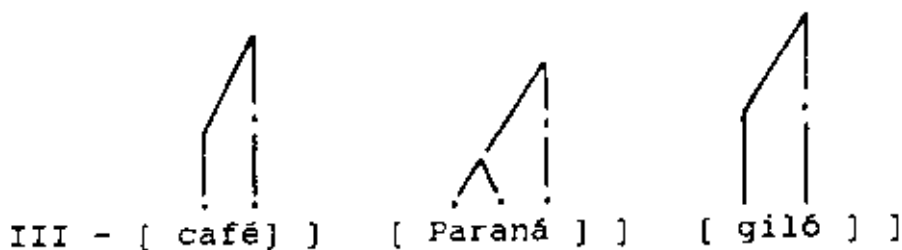
[]_{R^D}]_{NA} consideraremos alguns exemplos de palavras paroxítonas, tais como:



Não teremos, também, aplicando os parâmetros explicitados, dificuldades em acentuar as palavras oxítonas, considerando que:

II. Se não existir uma vogal no contexto ...]_{RD}]_{NA} então a última vogal do Radical Derivacional constitui um pé por si só⁽⁹⁾.

Logo, as representações de Café, Paraná e Giló serão respectivamente

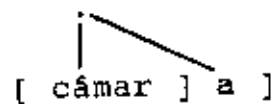
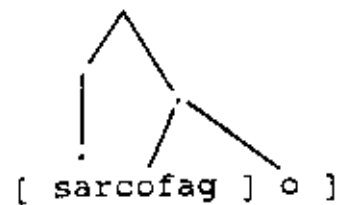
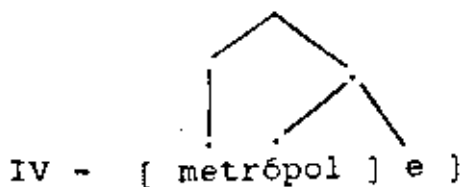


se aplicarmos o princípio manifestado em II.

Se quisermos generalizar a aplicação do acento a todo tipo de palavra do sistema nominal, não podemos deixar de considerar as ditas esdrúxulas ou proparoxítonas, que são aquelas acentuadas na antepenúltima sílaba, e que merecem uma convenção à

parte, uma vez que a vogal acentuada não é a última do Radical Derivacional, como acontece nos casos anteriores.

Introduzimos, aqui, a noção de extrametricidade — isto é, ignoraremos a última vogal do Radical Derivacional ao construir as árvores. Assim, para palavras do tipo Metrópole, Sarcófago e Câmara, teremos as representações:



Como podemos constatar, a Fonologia Métrica, com poucos parâmetros, dá conta dos casos mais frequentes de acentuação da língua portuguesa.

Andrade⁽¹⁰⁾ propõe um estudo, ainda, sobre palavras como catastrófico e hiperbólico, apresentando uma convenção que diz:

No interior de um mesmo domínio, aquando da construção das árvores de pé, de dois ou mais elementos extra-métricos, só o da direita se mantém extra-métrico.

e que resolve, com coerência e simplicidade esses casos.

Resta, porém um estudo e uma análise mais aprofundada das palavras ditas compostas e dos encontros vocálicos em geral, dentro da ótica da fonologia multilinear.

Tanto um caso como o outro apresentam problemas de discussão e de formalização, pois requerem um número bastante elevado de convenções, que na sua maioria podem ser consideradas "ad hoc" e recorrem, arbitrariamente, a marcadores de classe, e que no caso dos ditongos deixam de resolver problemas de sílabas do tipo [pers] picácia (cvcc), entre outros.

Portanto, a análise parcial que acabamos de apresentar oferece argumentos que apóiam a proposta de estrutura hierárquica da sílaba e atribuição do acento, principalmente no que diz respeito ao sistema nominal do português, mas não resolve no todo, problemas - da ordem dos acima referidos e que estão a merecer investigação e propostas de modelos, quiça, híbridos, regidos por ativação, que possam dar conta de suas especificidades.

NOTAS

- (1) - in Mira Mateus e Villalva, "Novas Perspectivas em Fonologia", pág. 297.
- (2) - in Goldsmith, John A., "Autosegmental & Metrical Phonology", pág. 170.
- (3) - in Andrade E. d', "O acento da Palavra e Português", pág.
- (4) - in Goldsmith, John A., "Autosegmental & Metrical Phonology", pág. 108 e 109.
- (5) - _____ pág. 109.
- (6) - in Hogg & McCully, "Metrical Phonology - a coursebook", pág. 78 (tradução nossa.)
- (7) - Andrade apresenta no artigo "O Acento da Palavra em Português" um estudo sobre os sistema nominal e verbal, postulando convenções que foram utilizadas em nossa análise.
- (8), (9) e (10) in Andrade, "O Acento da Palavra em Português", pág. 19 e 20 respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1968 - Chomsky, N. & Halle, M. The Sound Pattern of English. New York. Harper and Row.
- 1975a - Goldsmith, John. An Autosegmental Tipology of Tone and - How Japanese Fits, in Kaisse (org.) Proceedings of the Fifth Meeting of the Northeast Linguistics Society, 172 - 82.

- 1985 - Mira Mateus, M. H. e Villalva, Alina. Novas Perspectivas em Fonologia. Lisboa. Lab. Fac. Letras da U. L.
- 1977 - Liberman & Prince, A. On Stress and Linguistic Rhythm. L. In. 8 : 249 - 336.
- 1990 - Goldsmith, J. A. Autosegmental and Metrical Phonology. Basil Blackwell Ltd. England. 1990.
- 1990 - Halle, M. et Vergnaud, J. R. Three Dimensional Phonology. Journal of Linguistic Research 1 : 83 - 105.
- 1987 - _____ Stress and the Cycle. L. In. 18 45 - 84.
- 1988 - _____ An essay on stress. Cambridge, MASS.: MIT Press.
- 1987 - Hogg, R. M. & McCully, C. B. Metrical Phonology - a coursebook. Cambridge. University Press.
- 1990 - Andrade, E. d' O Acento da Palavra em Português. On Spanish, Portuguese and Catalan Linguistics. Pág. 17 - 37.